

5^a Parte

Transcrições

O Narrador do Homem (*)

Beatriz Alcântara

João Clímaco Bezerra é um dos escritores de maior evidência no panorama da narrativa de origem cearense. Figura de grande envergadura intelectual, seu nome é referência vital, por ter sido um dos fundadores do Grupo “Clá”, uma geração de escritores que ousou sonhar e defender o território da Literatura alencarina nos áridos tempos da Segunda Guerra Mundial. Sobre o autor e sua narrativa, eu ousaria dizer que Lavras da Mangabeira parece ser o centro de um universo humano onde J. C. B. amealhou imagens fortes do real e deste alforge retira, aos poucos, observações do escritor infante, que jamais chegam a desnudar-se e que não são mais que simples recursos a tecerem os núcleos de seus romances. Alguns gostam de chamá-lo de “contador de histórias”, pelo engenho de suas crônicas, mas eu prefiro dizer que ele é o narrador, o narrador do homem, que veio de Lavras e vive no Rio de Janeiro. João Clímaco Bezerra afirma-se na Literatura contemporânea não só como ficcionista com pleno domínio da arte, mas também pelo respeitável lastro cultural e ativa defesa de associações de classe como a União Brasileira de Escritores - RJ, onde ocupa a vice-presidência.

O POVO – Quando descobriu o chamamento para as letras?

João Clímaco Bezerra – Terei descoberto ou ele nasceu comigo? A verdade é que a minha infância foi, toda ela, contrária às letras. Meu pai – péssimo psicólogo – descobriu em mim uma irreversível vocação para o comércio. E, menino ainda, fui metido na loja de um tio como praticante de caixeiro. Um dia, caiu-me nas mãos um romance de folhetim. Foi o primeiro alumbramento. Esqueci o balcão, esqueci os fregueses, esqueci a esperança para o comércio. E passei a ler desesperadamente tudo que encontrava: livros, revistas, jornais. Morreu meu pai e a pobreza se instalou em minha vida. Passei a trabalhar por necessidade. Fiz as coisas mais distintas, mas estava selado o meu destino: as letras. Não houve ocupação ou doença – fui um jovem estranhamente doentio – que me afastasse do livro. Nesse ínterim, uma doença grave levou-me a dois anos de isolamento. Aproveitei-os para sistematizar as minhas leituras. E,

(*) *O Povo*, Fortaleza, 5 mar., 2006.

quando ressurgi para a coordenação dos estudos que me levariam ao clássico diploma de bacharel, sabia Olavo Bilac de cor e era capaz de falar sobre Eça de Queiroz por noite adentro até que surgisse a madrugada.

E, NA POESIA, SEM DÚVIDA, O QUE MENOS IMPORTA É O VERSO. POIS SÓ OS PRIVILEGIADOS O CAPTAM, O RECOLHEM OU O RECEBEM COMO DÁDIVA

OP – Como foram construídos os patamares da sua vida na literatura?

JCB – Não foram, a rigor, construídos. Foram montados como um castelo de cartas ou um quebra-cabeça dos jogos de criança. Mas tiveram a graça maior: a poesia. Jamais fui poeta ou escrevi versos. Mas a poesia é fundamental. É a base de todo o processo criador. E, na poesia, sem dúvida, o que menos importa é o verso. Pois só os privilegiados o captam, o recolhem ou o recebem como dádiva. Nós o decoramos, o amamos, o sentimos como a força criadora do espírito. Em qualquer hipótese, só a paciência salva o artista. E o artista maior é sempre o poeta, o escritor. O improvisado é o grande inimigo da obra de arte. E arte é cultura. Cultura não se improvisa: conquista-se. Exige paciência, trabalho, humildade. O amor e o trabalho são os patamares da obra de arte. O escritor tem necessidade imperativa de amar a literatura, acreditar na literatura, na sua mensagem, no seu fim: legar a harmonia ao homem, dando-lhe a consciência da vida e da humanidade.

OP – Romancista ou cronista?

JCB – Não há distinção, positivamente. Um romance de mil páginas não é necessariamente maior – no sentido da criação – do que uma crônica de uma página. Ambos existem. Cada um como é. Em síntese, o cronista ou romancista é um contador de histórias, o criador de vidas e a vida não vale pela continuidade. Um instante, um átimo – e aí será o cronista – podem ter a mesma força de existência longa e fecunda. Afinal, não é a vida a soma de breves instantes?

OP – Entre os escritores do nosso século quem admira e lê?

JCB – A pergunta é vasta. Ler é a aproximação voluntária da beleza. Quando não se é crítico, lê-se por prazer – numa incessante busca da beleza ou da

verdade que, nesse sentido, são sinônimas. A falha maior das novas gerações é a falta da leitura. Que se pode esperar de um jovem – principalmente do que se propõe a romancista – sem o pagamento do tributo aos grandes expoentes da criação do romance universal? Dostoiévski, Tolstói, Gorki, Balzac, Anatole France, para citar apenas alguns pioneiros do romance moderno. E, mais recentemente, para cingir-se apenas ao nome síntese: Marcel Proust. No Brasil, a galeria também não é pequena. Otto Maria Carpeaux deu-me um conselho no início da minha vida literária: leia, pelo menos, um clássico de cada país estrangeiro. Mas do Brasil, sua terra, leia tudo, independente de gênero ou de qualidade. A lição é válida. O único caminho que leva à criação é a leitura.

OP – “Semana de 22”, “Geração de 45” ou “Romance de 30”?

JCB – São três momentos da história literária do Brasil. Três diretrizes. O movimento de 22, sem sombra de dúvida, foi o grande destruidor. O triunfo da iconoclastia. Eles próprios confessam não saber o que queriam. Sabiam – muito bem, aliás – o que não queriam; demolir os dois pilares do parnasianismo na prosa – Coelho Neto. Na poesia – Olavo Bilac. A rigor, não temos uma obra maior de 22. O Movimento foi a anunciação dos novos dias. E seus anunciadores buscavam o próprio rumo. Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt deram em 22 apenas o ponto de partida. Isso não quer dizer que o movimento não tenha sido necessário; foi graças a ele que se operou a transformação da literatura. A geração de 45 foi e continua sendo um dos mais altos momentos da nossa poesia. Não terá sido ela a geração definitiva desse século? Drummond, na sua última fase, Vinícius de Moraes, Ledo Ivo, João Cabral de Melo Neto, atestam eloqüentemente a afirmativa. O Ceará, particularmente, lhe serve de exemplo. Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho, Marly Vasconcelos, são, todos eles, de corpo e alma, os poetas de “45”. O chamado romance de “30” – que começou em 28, com José Américo de Almeida – foi a mais autêntica revelação da ficção brasileira. Soube, antes de tudo, para que veio. E ficou. Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Otávio de Farias, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Fran Martins, Érico Veríssimo são bem a amostra da assertiva. São todos eles escritores universais.

SE ROMANCE É VIDA – DA CITAÇÃO DE JOSÉ LINS DO RÊGO – A SÍNTESE DA VIDA É O HOMEM, COM A SUA ANGÚSTIA, A SUA ALEGRIA, A SUA QUEDA E A SUA ASCENSÃO

OP – Poderia apontar os principais problemas que se apresentam ao escritor brasileiro?

JCB – Não são pequenos os problemas que enfrenta o escritor brasileiro. Além da concorrência do best-seller, a carência de editor. Livro, no Brasil, passou a ser objeto de luxo. A extinção do Ministério da Cultura, com tácita revogação da Lei Sarney, é o começo do fim. O Governo recém instalado lembra o velho Goebells dos anos tristes do Hitlerismo: “Quando se fala de cultura perto de mim, levo instintivamente a mão ao cabo do revolver”. Depois disso, só resta o dilúvio...

OP – Como se dosam realidade e ficção no seu romance?

JCB – José Lins do Rego costuma dizer que “romance é vida”. A síntese é perfeita. E diante dela parece impossível separar realidade e ficção. Não é a vida uma constante mutação desses dois pólos?

OP – O personagem é-lhe sempre obediente?

JCB – O personagem só consegue sua personalidade – perdoe-me o pleonasmo – se conseguir ser um ente vivo, sujeito a todas as contingências da vida. Torna-se, por isso mesmo, um rebelado. Cobrar-lhe obediência é diminuí-lo.

OP – O que é prolongamento e renovação na literatura hoje?

JCB – A literatura não é estática. O dinamismo é o traço da sua nitidez maior e cada livro – livro na precisão integral do termo – que aparece é uma renovação, a anunciação de uma nova aurora.

OP – Existe um “pano de fundo” na sua obra?

JCB – Evidentemente que sim. Principalmente, o homem. Se romance é vida – da citação de José Lins do Rego – a síntese da vida é o homem, com a sua angústia, a sua alegria, a sua queda e a sua ascensão. Pois só ele é vivo e eterno.